

FONTE : 50CLASS. : 17DATA : 21 4 89PG. : 10  
Editorial

## Tiroteio Ecológico

O Dia do Índio foi pretexto para novos desenvolvimentos no quiproquó da Amazônia em que o Brasil anda metido — e que tomou a forma de um diálogo de surdos. O Ministro do Exército foi severo com os índios, opinando que só há uns 30 mil índios autênticos, e que estes deveriam ser rapidamente integrados à sociedade dos brancos, dado o baixo nível de sua cultura.

Não é tese que os antropólogos assinem sem piscar, já que a integração, para os índios, significa frequentemente a desapareição física ou cultural. O Brasil ainda não conseguiu integrar 60 milhões de não-índios à sua vida produtiva. Como poderia assumir o compromisso de integrar os índios *de verdade*?

Na CPI da Amazônia, o ministro do Interior fez um discurso inflamado, referindo-se à “campanha sórdida” contra o Brasil. Se há campanha, ela está sendo mais competente do que a nossa linha de defesa. Em Paris, dia 26, vai haver um protesto de crianças diante da embaixada do Brasil, com apoio do naturalista Cousteau, depois que um menino de 11 anos começou um movimento “para salvar a Amazônia”. Não há tema que pareça mais fascinante aos franceses de hoje — tão atraídos pelo exótico quanto os seus antepassados do século XVI.

Mais sério é o último editorial do *The New York Times* sobre o assunto. Se nele continua-se a atribuir um peso exagerado às queimadas amazônicas na produção do *efeito-estufa*, é difícil responder à indagação direta sobre o programa *Nossa Natureza*, lançado pelo governo brasileiro. O editorial acusa o programa de ser “apenas um esboço, destinado a acalmar a consciência internacional”.

Para retrucar à altura, o Brasil deveria estar em condições de produzir fatos concretos. Mas sendo o programa ambicioso (não podia deixar de ser), onde

estão os recursos para concretizá-lo? Criar vastas áreas de preservação significa aplicar uma verba polpuda na fiscalização. De onde vai sair esse dinheiro, num momento em que o Ministro da Fazenda faz menção a um “colapso do setor público”?

É nesse ponto que os discursos teriam de baixar de tom, de um e outro lado. Perorações nacionalistas não convencerão a ninguém — e apenas colocarão mais lenha na fogueira. O *New York Times* mostra-se preocupado com o aspecto prático do problema. Lança suas vistas para além do mandato do presidente Sarney: dependendo do que o próximo governo tiver a dizer, “o mundo deve estar preparado para responder generosamente”. O que é reiterado mais adiante: “as nações industriais devem estar prontas para ajudar quando o Brasil der sinais de que está agindo a sério”.

O impulso nacionalista, nesse caso, é mandar as nações industriais plantar batatas. De que adiantaria? Fariamos mais alguns belos discursos, na nossa melhor tradição retórica. Enquanto isso, no mundo civilizado, a cotação do Brasil desceria a níveis cada vez mais baixos.

Não é cenário que se possa desejar. Uma vez que a soberania nacional não esteja ameaçada, qual o problema de conversar a sério sobre a questão ecológica?

A alternativa seria fazermos nós mesmos tudo o que está previsto no programa *Nossa Natureza*. Onde aparecerão os recursos para isso? Supondo que eles existam, não precisariam ser consumidos com os 60 milhões de brasileiros reduzidos a condições muitas vezes iníquas de sobrevivência? Eis uma guerra que não ganharemos com a simples fanfarronice. É melhor pôr a bola no chão — e agir com a cabeça.